

# A velhinha do metro de Lisboa – Por Victor Carvalho

written by Victor Carvalho | 28 de Fevereiro, 2025



Há tempos, fui a Lisboa, uma das muitas viagens realizadas, esta foi diferente, na utilização do Metro da capital.

Num ápice, eu e a minha companheira de viagem, entrámos na carruagem e acondicionámos os sacos que transportávamos, ela arranhou lugar sentado. Na paragem seguinte, entrando uma idosa, eis senão quando um sorriso de uma velhinha se rasga, a minha companheira prontificou-se a disponibilizar o seu lugar.

Ela aceitou, pode por aqui um saco, e conversa puxa conversa, a senhora de considerável idade, revela-se uma conversadora.

O Metro não tinha muitos utentes, era fim de semana. Sem nos conhecermos, logo uma boa conversa, a três, surgiu, não obstante a viagem ser curta, pois teríamos de mudar na Alameda, a fim de apanhar outra linha.

Disse ter 85 anos, ficámos boquiabertos pela idade, pois aparentava estar muito bem física e psicologicamente. ***“Sabem, venho de trabalhar e, agora, vou para outra casa”***. Retorquimos, ***“a senhora precisa de descanso e gozar a vida”***. Ela argumentou, ***“sim, tenho reforma, preciso de estar ativa, não sou de ficar no sofá”***. ***Quero que Deus me dê muitos e mais anos e saúde para continuar a trabalhar”***.

Tinha um ar fresco, bem-falante. Estava muito dinâmica, enérgica e valorizava o trabalho. Nós, estávamos surpreendidos com tanta vivacidade.

***“Sabem, sou transmontana, levanto-me cedo, sou de mexer, girar”***. ***Faço quilómetros de transportes para ir limpar a casa da minha patroa, para quem trabalho há cinquenta anos”***. Falava da Patroa com ar de proximidade, quiçá familiaridade. Cá para os nossos botões, pensámos que fosse um trabalho para completar a sua reforma, desengane-se o leitor, ela transparecia saúde, energia e afirmava a sua vivacidade.

Despedimo-nos, para sair na Alameda, com votos de muita saúde e naturalmente muitas felicidades.

Muitos de nós, crescemos com avós tios, vizinhos ou amigos idosos a serem úteis e capazes até ao fim da vida, muitos com 80 e mais anos. Muitos se questionam onde e o que querem os jovens?

É preciso que estes, com o seu “modus vivendi” e desafios da sua geração... e cada uma tem os seus... haja diálogo e interação intergeracional.

Cada um pode escolher, se tiver condições para isso, o modo de vida que considera mais adequado.

O que pretendo enaltecer nesta crónica, entre outros aspetos, é a alegria, a vivacidade, a empatia, a atitude pró-ativa da anciã, que nos viu com sacos e se disponibilizou a ajudar.

A Alegria, e a realização ao sentirmo-nos úteis, seja qual for a idade e a condição social e/ou económica, não paga imposto.

Velhos são os trapos.

A Cidadania não tem idade, nem latitude nem longitude.